



TIA,
QUERO
AQUELE
LIVRO!

*recordações e vivências
sobre a biblioteca escolar*



LARISSA R. DE OLIVEIRA



UFG Universidade Federal de Goiás

Reitora

Angelita Pereira de Lima

Vice-Reitor

Jesiel Freitas Carvalho

Diretora do Cegraf UFG

Maria Lucia Kons

TIA,
QUERO
AQUELE
LIVRO!

*recordações e vivências
sobre a biblioteca escolar*

LARISSA R. DE OLIVEIRA

Cegraf UFG
2022

© Larissa R. de Oliveira, 2022

© Cegraf UFG, 2022

Diagramação

Julyana Aleixo Fragoso

Capa

Isadora Paiva

Revisão

Arthur Pontes

2º Edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

GPT/BC/UFG

O48 Oliveira, Larissa R. de.

Tia, quero aquele livro! : recordações e vivências sobre a biblioteca escolar [Ebook]. / Larissa R. de Oliveira. . - Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF). – Goiânia : Cegraf UFG, 2022.

ISBN : 978-85-495-0508-8

1. Bibliotecas escolares - Livros e leitura. - Crônicas. 2. Interesses na leitura. 3. Crianças - Livros e leitura. I. Título.

CDU: 028.6

“ – As bibliotecárias sabem das coisas. Elas guiam você para os livros certos. Os mundos certos. Encontram os melhores lugares.

Como ferramentas de busca com alma.”

(Matt Haig)

Dedico esse livro a vocês, que
o leem agora, pois só quem lê
compreende o sonho de quem
um dia quis ser escritora.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
APRESENTAÇÃO	11
OS LEITORES LÁ DE CASA	14
DE ELEANOR H. PORTER AO BALZAC	18
LEITURA EM MINHA VIDA	20
ME CONTA OUTRA HISTÓRIA?	22
A PESSOA MAIS SORTUDA DO MUNDO	24
... E A LEITURA LITERÁRIA PASSOU A SER PARTE DE MIM.....	26
ONE PIECE.....	30
DE LEITOR OBRIGADO A LEITOR APAIXONADO	32
RECORDAÇÕES TÃO BOAS.....	33
DAS RECORDAÇÕES QUE NOS MARCAM.....	34
MINHA HISTÓRIA COM A EDUCAÇÃO E A LEITURA	36
UMA LEITORA VORAZ	40
A LEITURA SALVA (E A BIBLIOTECONOMIA TAMBÉM!	42
LEITURA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	45
PODIA TER MAIS HQ, NÉ?	46
UM APAIXONADO POR NÚMEROS (E POR PALAVRAS).....	48

OLHAR DE MENINA.....	51
DOCES RECORDAÇÕES.....	54
UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS.....	55
A CURIOSIDADE É O QUE ME MOVE.....	59
ALGUNS FINAIS.....	61
AGRADECIMENTOS.....	63

PREFÁCIO

O “tempo de escola” costuma ser para cada um de nós, que tivemos o direito de acesso à educação assegurado, um período que nos reserva profundas lembranças de situações vivenciadas ao lado de colegas e de profissionais que continuam a viver em nossa memória, mesmo depois de o cotidiano escolar já ter se tornado algo distante da nossa vida. As brincadeiras da hora do recreio, o lanche servido pela escola ou levado de casa, o portão de entrada dos estudantes, as cores das paredes, o cheiro da cera utilizada para lustrar o piso das salas e dos corredores, a primeira professora, os livros novos a tornar ainda mais perfumada a esperança juvenil, a grande árvore com sua sombra no pátio, a hortinha cultivada nas aulas de Ciências, os degraus de acesso à parte mais elevada do prédio, os painéis de recados e exposição de trabalhos feitos em grupos, as rodinhas de conversa...

Tudo isso e tantos outros detalhes compõem a nossa memória dos tempos de escola. Mas nenhuma experiência se compara a dos que tiveram a boa “sorte” de contar também com uma biblioteca escolar e poder explorar aquele universo de conhecimentos e de encontros surpreendentes com escritores e suas diversas personagens, com a poesia que, em prosa ou em verso, abraça, aquece e atíça nossa alma. O que definimos hoje como “sorte” é, no entanto, um direito que deve ser garantido em nosso país, por meio de políticas públicas comprometidas com a emancipação intelectual e humana e que, portanto, não deixem faltar, em nenhuma de nossas escolas, as condições necessárias para a democratização do acesso à informação e a formação leitora, especialmente, das crianças e dos jovens.

Muitos ainda são os desafios para que essas condições estejam no ápice das prioridades em nosso país. Barreiras históricas precisam ser rompidas, de modo que uma nova mentalidade aflore entre as lideranças públicas, responsáveis por instituir e coordenar as políticas necessárias, e sobretudo, em meio à sociedade em geral, uma vez que, assim, poderemos vislumbrar um empenho coletivo no sentido de que essas políticas se estabeleçam como políticas de Estado, livres da vulnerabilidade que resulta na descontinuidade de programas e projetos tão importantes para o país.

Um envolvimento efetivo com essa causa levou a pesquisadora Larissa Rosa de Oliveira a realizar um relevante estudo sobre “As políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar”, em seu curso de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás. A partir desse estudo, foi elaborado este Produto Educacional, que reúne crônicas produzidas por estudantes e professores do 6º ano do Ensino Fundamental dessa mesma instituição. São textos repletos de sensibilidade, nos quais as autoras e os autores revisitam seus tempos de escola, para compartilhar com outros leitores as suas memórias de leituras literárias. Certamente, as crônicas aqui reunidas despertarão outras memórias e, talvez, até possam convidar você, leitor, a escrever sobre as suas.

Ilma Socorro Gonçalves Vieira

APRESENTAÇÃO

Sempre quis ser escritora. A possibilidade de ter minhas ideias publicadas em um livro, ter minhas palavras lidas (e ouvidas) sempre me encantou. Tenho cadernos e mais cadernos de poemas escritos ao longo dos anos, alguns nunca lidos por outra pessoa que não eu. Escrever um livro fazia parte dos meus sonhos de menina, junto com a vontade de estudar Direito, ser desembargadora e mudar o mundo através da justiça. Surpreendentemente, a vida me ofereceu outros caminhos. Sim, eu estudei Direito, mas não vou mudar o mundo através da justiça (se é que ela existe nesses dias difíceis) e nem ser desembargadora.

Numa das reviravoltas da vida, já no fim do bacharelado em Direito, percebi que aquele não era meu caminho. Eu queria algo diferente, e na tentativa de não “perder” a graduação que havia feito, pensei: “E se eu for professora? Posso me capacitar para isso e dar aulas no Ensino Superior...”. Sendo filha de professora, a rotina de provas a corrigir, diários a lançar e estudos frequentes em casa nunca me incomodou, mas a ideia ainda não me acalentava. Eu não queria exercer o Direito e não conseguia me imaginar numa sala de aula falando sobre algo que não me brilhava os olhos para o resto da vida.

O tempo passou e esse incômodo continuava. Trabalhava e para a realidade de cidade pequena, de onde vim, ganhava relativamente bem em comparação às conhecidas de minha faixa etária. Podia ter alguns luxos e me dividia entre livros e sapatos, mas não tinha vontade de continuar ali. Eu queria mais, mas sendo sincera, não fazia ideia do que era.

Um dia, vi na internet (essa benção e maldição) a possibilidade de entrar na Universidade Federal de Goiás como portadora de diploma (finalmente ele serviu para algo). Amante dos livros e apaixonada pelas “bibliotecárias” que conhecia, resolvi que era isso. Mesmo contrariando minha família e amigos, eu tinha me decidido. Ia cursar Biblioteconomia, me mudar pra Goiânia e que Deus me ajudasse porque eu nem inscrição para o processo seletivo tinha feito, mas já tinha planejado até a colação de grau!

Apesar do tempo afastada dos estudos, passei! Que alegria e que desespero. Pedi demissão do meu trabalho e me preparei para minha vida nova. Só que a realidade chegou... não tinha emprego, não tinha onde morar e por ser de uma cidade pequena sem transporte coletivo, nunca tinha pegado um ônibus na vida. Mas, contrariando as expectativas de muitos (as minhas próprias, inclusive), eu sobrevivi. E me formei e me redescobri. Na Biblioteconomia encontrei uma parte de mim que nem sabia que existia. Meu amor pelas bibliotecas sempre foi presente, mas me encantei pela dinâmica da Biblioteca Escolar. E resolvi que aquela opção antiga, de dar aulas, talvez se tornasse uma possibilidade, com algumas pequenas alterações.

E indiretamente, o sonho de mudar o mundo também voltou a fazer parte de mim. Não mais através da prática do Direito, mas através da Educação e da Biblioteconomia, que se entrelaçaram tão fortemente em mim ao longo dos anos, que não sei mais ver minha vida sem elas ou vê-las separadas enquanto áreas de estudo.

No fim da graduação em Biblioteconomia, no último ano, aquele em que todos se desesperam pelo Trabalho Final de Curso, cometi mais uma “loucura”. Tentei outro processo seletivo, dessa vez para o Programa de Mestrado em Ensino da Educação Básica, também da federal de Goiás. E por algum motivo, eu consegui. Passei novamente, embora não tivesse esperanças quando

fiz a seleção. E mais uma vez, aquela vizinha que nos incomoda mentalmente sussurrou em meus ouvidos que eu não conseguiria. Era plenamente impossível conciliar o fim da graduação, o primeiro ano do mestrado e os dois estágios que fazia, um curricular e um remunerado.

Era insanidade. A carga seria absurda. O cansaço não seria suportável. Mas outra vizinha, a mesma que me disse em 2016 que eu conseguiria superar os 4 anos de graduação, me disse que eu podia. Ia ser pesado sim, mas eu conseguiria. Tenho a sorte de ter uma família que me apoia, um marido (namorado, na época) que sempre incentivou meus estudos... eu até poderia não conseguir, mas não ia desistir sem tentar.

E hoje, relembro tudo isso com lágrimas nos olhos, afirmo com convicção: Eu consegui! E é com prazer que apresento a vocês meu primeiro livro, com 20 crônicas sobre as vivências de estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, professores/as, bibliotecárias e da pedagoga responsável pela Biblioteca Setorial do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação Básica. Livro este que foi, antes mesmo de sua publicação, um dos premiados no Edital 003/2020 de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PGEEB/CEPAE/UFG, recebendo auxílio financeiro para a impressão e para a publicação dessas crônicas.

Cada uma dessas histórias surgiu a partir de conversas interessantíssimas com esse grupo de pessoas. Através de entrevistas individuais, pedi que me contassem suas memórias em relação à Biblioteca Escolar, ao livro e a leitura em suas vidas. Juntas, essas crônicas compõem o presente livro, que busca apresentar a relevância da Biblioteca Escolar enquanto espaço de democratização do conhecimento, de fomento e incentivo à leitura, e por que não, da construção de memórias e recordações nesse ambiente.

OS LEITORES LÁ DE CASA



TODO MUNDO tem uma família com gente engraçada. A minha não foge disso. Tenho todos os tipos de parentes, em variados graus de loucura, mas particularmente, acho que é isso que faz deles pessoas tão apaixonantes. Quando penso neles, penso no quanto eles fizeram de mim a pessoa que sou e moldam o amor que sinto pela leitura. É um vício. Leio compulsivamente, compro livros como uma louca, não aguento ver promoções em livrarias e não levar pelo menos um livrinho pra casa.

E isso com certeza vem das coisas que conheci em casa. Minha mãe sempre me incentivou a ler, e muito. Não tenho nenhuma recordação de infância em que eu não estivesse cercada de livros e brinquedos, ou pensando em livros, principalmente no Sítio do Pica-pau Amarelo, sabe como é... Minha paixão pela turma do Sítio era tão grande, que eu nem tinha tamanho de gente e já era apaixonada pelo Visconde de Sabugosa. Achava ele incrível, inteligente e meu coração se partia a cada vez que ele ia pruma das loucuras inventadas pelo Pedrinho.

Lembro de mim pequenininha, com um livro emprestado pela médica da minha mãe, mal entendendo o que acontecia, mas viajando nas aventuras da Emília. E talvez, por ler desde pequena, e por ter achado o livro certo, eu nunca mais parei. Acho que ajudou o fato da minha mãe sempre estar lendo também...

Uma das histórias favoritas que minha mãe me contou foi algo que descobri a pouco tempo. Perguntei como foi que ela começou a gostar de ler e como começou a se relacionar com a leitura, e ela me disse que quando tinha sete anos, estava na porta da escola, e achou um pedacinho de papel escrito. Quando ela percebeu que sabia o que estava no papel, ficou toda emocionada, porque final-

mente percebeu que sabia ler. Ela me disse que até então, achava que só decorava as lições e que não sabia ler de verdade.

Fiquei pensando nisso um tempão. Minha mãe não sabia que conseguia ler e isso marcou a vida e a história dela. Eu não sei quando percebi que sabia ler, mas sei que meu amor pela leitura começou lá atrás, na minha paixão platônica pelo Visconde. Somos muito diferentes, eu e mamãe. A começar pela aparência. Sou a única de cabelo claro na família. Todas as outras são lindas morenas e eu tenho até um pedaço de cabelo rosa pra diferenciar ainda mais. Não bastasse isso, nossas leituras são completamente diferentes. Ela adora livros de romance, autoajuda e jura que gosta de livros de suspense, mas particularmente, eu nunca a vi lendo nenhum. Eu gosto de quase todos os tipos de livros, menos os de autoajuda e terror.

Minhas irmãs são ainda piores. Somos muito diferentes também. A do meio é superinteligente, toda culta. Morro de orgulho dela, ela tem 23 e já está terminando o mestrado. Acho que é por estudar tanto que ela só gosta de romance ou comédia e não pode ser nenhum tipo de romance com contexto histórico. Às vezes ela lê algo de ficção, mas sempre diz que gosta de leituras leves, pra adoçar a vida. Gosto disso nela, porque ela é sempre tão séria e sistemática, que é gostoso ver como ela lê coisas que fazem a gente se sentir feliz. Meu ego infla a cada vez que ela diz que gosta de ler porque me via lendo sempre e acabava querendo fazer isso também (claro que muito foi influência da nossa mãe e da nossa avó que compravam os livros, mas gosto de pensar que foi só por minha causa).

A caçulinha só gosta de gibis, gosta do fato deles terem muitas cores e balõezinhos... é daquelas crianças lindas e custosas que prefere o filme ao livro, e só lê pra passar na escola. Vive me dizendo que não precisa ler, já que eles vão virar filmes mesmo. Eu particularmente acho que ela ainda não encontrou o livro cer-

to. Enquanto isso, seguimos procurando. Tenho certeza de que um dia a gente acha, e até lá, vou testando todos os livros infantis e juvenis que consigo.

Mas, já falei do meu pai? Meu pai é um cara incrível, porém não é muito de ler, não. Ele trabalha com informática, então vive lendo esses manuais difíceis e em inglês, e nem lê por lazer como a gente. Ele mora em uma casa com quatro mulheres, e cada uma tem uma personalidade distinta e difícil, então acho que ao invés de ler livros, ele tenta ler a gente e sobreviver no meio do caos que é ser o único homem da casa.

Não bastasse toda essa bagunça familiar e literária, ainda tem os meus avós. Moramos no fundo da casa deles, sabe? Meu avô é mecânico, e ele gosta de ler ainda menos que meu pai. No máximo um jornal de vez em quando, ou a lista de telefones de clientes dele (e acho que é muito, se formos analisar o quanto ele tem uma rotina cansativa e o quanto ele ainda trabalha). Já vovó se formou professora, era o tal de Magistério da época, e ela praticamente me alfabetizou. Eu ia na escola, aprendia algo lá, chegava em casa e ela me fazia repetir e repetir até aprender direitinho. Ela ultimamente anda lendo pouco, mas sempre comprou muitos livros pra gente. Todas aquelas coleções infantis que apareciam, de contos de fadas a Bíblia infantil, passando por adaptações de clássicos e contos de outros países.

Sempre tivemos muitos livros e sempre fomos muito incentivadas a ler. Não me lembro de nenhuma vez enquanto criança em que eu pedi um livro ou coleção e não ganhei, ou algum livro que eu queria ler e não permitiram. Muito do que sou hoje, principalmente meu amor pelos livros, vem pela família incrível que tenho, que sempre me ensinou que minha maior arma era o conhecimento e sempre incentivou isso.

Tenho uma estante enorme de livros, e mesmo que meu pai reclame da bagunça, sei que, no fundo, ele e minha mãe se orgu-

lham de mim e das minhas escolhas. Sempre que aparece uma visita nova, que não conhece a casa, eles levam no meu quarto bagunçado e mostram a estante, dizendo que eu já li todos e que se pudesse teria uma biblioteca só pra mim.

Eles se orgulham de mim do mesmo modo que eu me orgulho deles, e acho que finalmente entendem o fato de que se não posso ter minha própria biblioteca, posso mudar o mundo de alguém cuidando de uma.

DE ELEANOR H. PORTER AO BALZAC

Não sei em que momento me descobri leitora. Talvez isso já tenha nascido em mim, ou aprendi vendo meus pais e suas relações com os livros. Mas, sinceramente, não me importo. O que me importa são os suspiros quando me encanto com alguma paisagem ou cena retratada, os sorrisos e lágrimas que me inundam quando a história me emociona.

Sou assim desde criança, sabe? Eu era pequenina, mas tenho lembranças vívidas de meu pai lendo aqueles livros grandes e bonitos. Toda semana, pelo menos, ele juntava a família toda: mamãe, eu e minhas irmãs e contava histórias que me deixavam de olhinhos brilhando e com vontade de conhecer tudo o que ele me descrevia, partir pra aventuras com o protagonista...

Tive sorte, entende? Cresci numa família que incentivava a leitura. Apesar de estudar em escola pública durante todo meu ensino fundamental e nem imaginar que poderia existir uma biblioteca nesse ambiente, eu tinha muitos livros. Podia me deitar na cama e viajar por horas lendo um dos livros que papai comprava pra gente. Pra mim, não existe livro ruim ou chato! Toda

história pode marcar a gente, em qualquer momento, basta dar uma chance!

Eu falei que quando criança não conhecia uma biblioteca, né? Isso mudou quando entrei no Ensino Médio. Lá no meio da Praça Cívica tinha uma biblioteca, e ela foi só a primeira. Nessa época, conheci também as bibliotecas universitárias: da Faculdade Anhanguera e da PUC (que na época ainda nem era PUC, era Católica de Goiás), e me apaixonei pelo ambiente da biblioteca do SESI.

Minha escola não tinha biblioteca, a Internet não existia ainda, mas meus professores passavam vários trabalhos. Para conseguir fazer todos (e também pelo prazer de ficar lá dentro, olhando as estantes), eu ficava horas e horas numa das bibliotecas. Na época, eu não podia levar os livros para casa, então só podia acessar aquele material estando lá. Nesse período, me apaixonei pela história de Pollyanna, que li na escola. O livro conta a história de Pollyanna, uma menina de 11 anos de idade que fica órfã e, por causa disso, passa a morar com sua tia Polly, uma senhora ranzinza, que aos poucos se apaixona pela menina e pelo seu jeito doce de ver a vida. Mesmo quando está triste, Pollyanna joga o “Jogo do contente”, em busca de um aspecto positivo na situação. São dois livros: “Pollyanna menina” e “Pollyanna moça”, de Eleanor H. Porter, e a história me marcou muito.

Eu também amava os contos de Machado de Assis, e me encantei com duas obras de José de Alencar: “Senhora” e o “Guarani”. Já na faculdade, escolhi o curso de Letras. Era incrível estar na universidade. Eu podia levar os livros pra casa! Me tornei frequentadora assídua, ia na Biblioteca Central e na Sala de Leitura da Faculdade de Letras praticamente toda semana.

Eu me sentia em paz na biblioteca. Era um lugar silencioso, calmo, limpo... tudo era tranquilo, organizado. O ambiente exalava inteligência e cultura, e quando eu estava lá, me sentia mais inteligente também. Eu pegava vários livros e era tão presente,

que a bibliotecária me permitia levar alguns dos materiais que não podiam circular. Eram exemplares únicos, e por isso, não deviam sair da biblioteca. Mas a bibliotecária sabia do meu cuidado, do meu zelo e do meu apego, por isso, nas sextas-feiras, deixava que eu levasse alguns desses livros, desde que eu os devolvesse na segunda. Eu me sentia incrível por isso.

Me lembro claramente de uma leitura dessa época que me impactou muito: “Angústia”, de Graciliano Ramos, um romance narrado por Luís da Silva, um funcionário público e escritor frustrado, de família tradicional, que insatisfeito com sua vida, começa a relembrar o passado e remoer suas memórias, entrando em estado de paranoia. Também me apaixonei pelos contos de Guy de Maussapant e pela história de Le Père Goriot, de Honoré de Balzac. Tantos livros me marcaram ao longo da vida...

Hoje, professora e mestre, posso pegar mais de três livros na biblioteca e isso é um sonho de menina realizado. Por isso, me esforço para que meus alunos também conheçam o espaço, saibam pesquisar, sejam capazes de se informar e localizar os livros na estante. E torço, para que assim como eu, compreendam o prazer de uma boa leitura.

LEITURA EM MINHA VIDA

A leitura é um assunto interessante pra mim. Gosto de ler, de verdade. E gosto das bibliotecas, do silêncio, de olhar os livros e imaginar que histórias se escondem atrás daquelas páginas, do cheiro das estantes cheias de livros. Mas, mesmo assim, não sou um frequentador assíduo. Prefiro ler no conforto de minha casa, ou nos momentos de espera em consultórios médicos, aeroportos...

Acho que isso acontece, principalmente, por não ter frequentado bibliotecas nos tempos de escola. Estudei em colégios particulares, onde, apesar de ter uma ótima formação educacional, não havia um ambiente voltado para a leitura.

Os livros eram escolhidos pelos professores, geralmente de Língua Portuguesa, e eram lidos como parte do processo educativo. Mas eu também conhecia algumas histórias clássicas, como os contos de fada e essas me interessavam muito. Gostava de imaginar as aventuras e ficava encantado olhando as ilustrações nos livros.

Vejo os alunos do Cepae (*Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação*) hoje, com tanto acesso, com tanto material diversificado, sempre com ações de leitura sendo desenvolvidas e acho excelente. Eles adoram a biblioteca, se sentem em casa, estão acostumados com isso desde que entram na instituição. Apesar de não ter muitas recordações sobre meus tempos de menino na escola, me pergunto, às vezes, como seria se eu tivesse acesso à uma biblioteca como eles tem hoje. Eu seria um leitor ainda mais frequente? Me manteria fiel às bibliotecas?

São questionamentos que não sei responder. Enquanto isso, sigo lendo do meu modo e apreciando a leitura quando posso.

ME CONTA OUTRA HISTÓRIA?



ADORO IR pra biblioteca! Eu e meus amigos sempre passamos lá na hora do recreio, pra pegar livros ou só passear mesmo e falar “oi” pra bibliotecária e pro resto do pessoal. Me divirto muito com as atividades que eles fazem, principalmente com a contação de histórias. Quando acabava, a gente se juntava pra conversar sobre o que a E. tinha lido pra gente. E aí a gente ria, brincava e mergulhava naquele mundo!

Depois, dava briga pra pegar o livro emprestado. Todo mundo queria ao mesmo tempo, a bibliotecária ficava tentando acalmar a gente, dizendo pra alguns pegarem naquele dia, depois mais alguns na outra semana, e assim indo, mas todo mundo queria naquela hora. Aí, ela apresentava outros livros meio parecidos e a gente ia se distraindo, e quando via, queria levar um monte de livro pra casa!

Eu também gosto de ir lá quando tem tarefa pra fazer. Olhar os livros ajuda a responder as questões e me faz ler mais. E quando tem contação de histórias, eu fico feliz, principalmente quando é livro de comédia ou com uma história engraçada. Me dá mais vontade ainda de ler, e olha que eu leio muito, sempre pego uns três livros por semana, às vezes até pego cinco!

Mas eu não gosto de todos os livros não, viu? Odeio livros com partes nojentas e fico entediada de vez em quando, porque nem sempre é história engraçada, às vezes é um livro bem sério ou triste. Aí eu não gosto não! Só que os que eu gosto, eu gosto muito!

Não tenho muitos livros em casa, então quase tudo que eu leio eu pego na biblioteca da escola. Nem consigo escolher um favorito, mas nesse ano eu gostei demais de um da Marina Colasanti, que chama “Doze reis e a moça no labirinto do vento”.

Outro que eu gostei foi “Poemas concebidos sem pecado e face imóvel”, do Manoel de Barros, que a gente leu pra aula de Português. Teve um da Clarice Lispector também, com crônicas, que eu achei bem legal. Chama “Crônicas pra jovens: De amor e amizade”. E eu peguei outro pra ler esses dias, “Comédias pra se ler na escola”, do Luis Fernando Veríssimo.

Gosto demais de ler, fico viajando nas histórias e sempre me imagino como parte dela, um personagem, sabe? Fico me perguntando o que eu faria se estivesse vivendo aquilo que tá acontecendo no livro, como eu reagiria, se eu ia gostar... Gosto mais de livros infantis e juvenis, eles me chamam mais a atenção na biblioteca.

A PESSOA MAIS SORTUDA DO MUNDO

Sou uma pessoa de sorte. Eu sei, parece ego dizer isso, mas é real. Num país em que a leitura e a formação de leitores são cada dia mais desvalorizadas e em que bibliotecas sofrem com a desvalorização e a falta de recursos, tive a sorte de me encontrar na Educação.

Atualmente professora, relembro com carinho meus momentos de estudante. Tive possibilidade de frequentar a biblioteca em todas as escolas que estudei e amava o ambiente de todas elas, especialmente a biblioteca escolar. Tanto que, agora, em minha atuação profissional, me orgulho em trabalhar com crianças e saber que existe a disposição delas uma biblioteca escolar.

Que elas podem ter acesso, assim como eu tive. Que podem andar entre as estantes, manusear os livros, se sentarem no chão ou nos pufes e lerem as histórias que lhe interessarem. Vendo-as

lá, interagindo, rindo e mergulhando na leitura, me lembro das minhas próprias experiências. De todo o aprendizado, que me acompanha até hoje, já como professora.

A leitura me encanta tanto, que é difícil escolher um favorito. Na infância, me encontrei nos contos de fada, nas histórias de príncipes, princesas, fadas, dragões e bruxas... Mamãe sempre me contava histórias, mesmo quando eu não sabia ler, então foi natural para mim começar a manusear os livros e procurar mais histórias novas quando fui alfabetizada.

Já na escola, li vários livros infantis. O que mais me marcou foi “A bolsa amarela”, de Lygia Bojunga Nunes. A história era sobre uma menina chamada Raquel, única criança da família, o que a deixava muito solitária. Por causa disso, Raquel faz amigos imaginários e começa a escrever pra eles, até que ganha uma bolsa amarela e guarda nela todas as suas vontades e histórias.

Nas atividades da escola, sempre que liamos um livro, precisávamos contar a história uns pros outros. Eu sempre era a primeira a me voluntariar, sempre empolgada pra compartilhar com os colegas o que eu havia compreendido do livro. E, até hoje, tenho nos olhos o mesmo brilho quando encontro uma história que muda minha vida.

**... E A LEITURA LITERÁRIA PASSOU
A SER PARTE DE MIM**



QUANDO CRIANÇA, eu não tive muita oportunidade de conviver com os livros. Vim de uma escola pública, que não tinha biblioteca e nem bibliotecário. Além disso, meus professores não tinham muita formação como leitores, então incentivar isso era algo muito fora da realidade que vivíamos. Quando fui para a quinta série, passei a estudar numa escola conveniada, e foi onde comecei a ver outros tipos de leitura. Nos livros didáticos tinham pequenos trechos de outras obras e eu adorava ler aqueles fragmentos. Minha família até tentava nos presentear com livros clássicos, mas era algo raro.

Nessa época, comecei a pegar livros emprestados com o amigo do meu irmão mais velho. Ele tinha muitos e me emprestava sempre. Minha primeira recordação desses livros da infância tem a ver com a coleção de livros d'O Sítio do Pica-pau Amarelo, de Monteiro Lobato. Sempre que é tempo de jabuticabas lembro de mim, menina, encantada com a Emília no país da gramática e o jeito com que a aritmética ficava gostosa pelos olhos dela.

Eu também adorava as histórias em quadrinhos que conseguia ler e me emocionei muito com *Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos. Zezé, o protagonista da história, tinha como melhor amigo um pé de laranja lima e o livro mostra suas relações com o mundo e como era sua infância. Eu me identificava com Zezé... e talvez seja essa uma das maravilhas da literatura: poder se enxergar nas palavras de outras pessoas.

Já adolescente, fiquei fascinada com *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Acompanhar a vida daquela família de retirantes, a seca, as dificuldades que vivenciavam... foi muito marcante na minha vida como leitora. Na mesma época, li "E agora?" de Ode-

te de Barros Mott, um drama social e psicológico, que faz refletir sobre preconceito na sociedade. Também li “O estudante”, de Adelaide Carraro e “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo, já na época do vestibular.

Mas meu contato com a leitura e a literatura se fortaleceu mesmo foi no curso de Letras, e depois seguiu como professora do Ensino Fundamental. Não havia bibliotecas escolares quando comecei a trabalhar na Rede Municipal de Educação do município de Goiânia. Para as aulas, eu levava livros para os alunos, realizava ações que permitissem a troca desses materiais entre eles, contava histórias... cheguei a fazer curso de contação com o pessoal do Grupo Gwaya para descobrir novos formatos e formas de interessar aos alunos.

Além disso, montei uma caixa decorada, na intenção de criar uma minibiblioteca compartilhada. Pedi aos alunos que doassem um livro para a caixa, com o objetivo de fomentar a leitura entre eles. O acervo era composto de livros infantis e juvenis, voltado para as sete turmas com que eu trabalhava. Os alunos adoraram, brigavam entre si para carregar a caixa para suas salas. E, durante as aulas, nós liamos juntos os livros, conversávamos sobre as obras, apresentava indicações de mais materiais... Essa experiência me marcou muito e me fez conhecer a literatura e seu impacto na vida dos estudantes.

Me recordo ainda de um momento em que assisti uma ação literária, onde ocorreram a dramatização do texto literário, contação de histórias e um recital de poesias. Pensando em tudo isso, esbocei uma proposta pedagógica de dinamização do espaço da sala de leitura, de modo a apresentar tais possibilidades para outras escolas.

Já como professora do Cepae, usei (e uso) muito o espaço da biblioteca. Agendei visitas no ambiente, levei os alunos para interajam com o espaço, incentivei a leitura durante as aulas...

A biblioteca escolar é ambiente imprescindível dentro de uma instituição de ensino, sendo instrumento no fomento à leitura e na formação de cidadãos críticos e conscientes.

Pensando nisso, uma forma que encontrei de reconhecer academicamente o papel da biblioteca escolar e das salas de leitura foi a criação, em minha tese, de uma política de promoção de leitura, onde discuto sobre a parceria de professores e bibliotecários em salas de leitura, para democratizar o acesso à leitura e a formação do texto literário.

Não consigo cogitar um mundo sem leitura e sem a literatura. Seu papel é essencial na construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária e em que a educação da população seja prioridade.

ONE PIECE



EU NÃO sei muito se gosto de ler, não. Sempre que falam em leitura eu fico meio assim, meio confuso. Aqueles livros da biblioteca nem sempre me interessam, gosto mais quando tem contações de histórias e fantoches. E fico super nervoso quando é a gente que conta as histórias, e eu tenho que ler pra sala inteira. Fico ansioso, não gosto não.

Até vou na biblioteca pra fazer tarefa e pesquisar pras atividades da escola. Mas pegar livros emprestados? Ah... não, curto não. O único livro que eu li e gostei foi Meu Pé de Laranja Lima, do José Mauro de Vasconcelos. Achei aquele Zezé um menino muito gente boa, gostei de como ele contou a vida dele na história.

Mas meus amigos adoram a biblioteca, ficam lá pegando livros e mais livros com a bibliotecária e a Eliane. Eu vou com eles, às vezes, mas fico só olhando a seção de gibis. Eu prefiro ficar no computador, lendo meus mangás na internet. Falando em mangá, eu adoro, sabia? Meu favorito é One Piece.

Fico abismado com o Luffy, aquele poder dele de esticar... cara, ele é um homem de borracha. Pensa, que massa?! E ver ele com a tripulação do navio, as histórias de cada um, o jeito como eles são amigos e superam as coisas juntos. E a história me prende muito, termino todos os capítulos ansioso pelo próximo e na expectativa de saber quando o Luffy vai ser o Rei dos Piratas e encontrar o One Piece, que é tipo um tesouro deixado pelo primeiro rei dos piratas.

Putz, vou até parar, porque se eu for falar de One Piece e do tanto que eu gosto vou ficar aqui por quase tantas linhas quanto os 1036 mangás que já foram publicados (fora os que ainda estão por vir, que devem ser mais uns mil, hehehe).

Fui!

DE LEITOR OBRIGADO A LEITOR APAIXONADO

Fui um péssimo leitor na infância, tinha dificuldade na escola. Era um daqueles alunos que ignorava a existência da biblioteca, e olha que tinha uma na minha escola. Acho que o único livro que li e gostei na época foi “Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias”, de Ruth Rocha. E só li por indicação da minha irmã e da escola, se não nem teria tentado.

Nessa escola, que tinha biblioteca, acontecia todo ano um campeonato de resumos. Era obrigatório participar e o objetivo era premiar o aluno que mais havia feito resumo dos livros lidos naquele ano. Então, eu só ia na biblioteca mesmo na época da competição, não ligava muito pro espaço, era uma relação bem ausente mesmo. Um livro que me marcou na época do campeonato foi “Tieta do Agreste”, de Jorge Amado. Eu tentei ler, mas achei a escrita muito difícil, acabei nem conseguindo concluir.

Em casa, eu também não tinha muito exemplo de leitura. Apesar do meu pai adorar comprar livros, ele não lia muito. Lembro muito dele comprando os livros da coleção O Globo, que eu achava lindos e tinha vontade de ler as vezes, mas sempre desistia porque achava os textos de filosofia muito difíceis.

Isso só foi mudar na graduação, quando conheci a biblioteca escolar do Cepae. Meu estágio foi lá e foi incrível. Acabei pegando muitos livros emprestados e fui construindo uma relação muito bacana com a leitura. Atualmente, já professor, continuo lendo muito. Sempre pego livros na BSCepae e nas outras bibliotecas da UFG. Inclusive, o último que peguei foi de José Lins, um autor que usei muito nas minhas pesquisas do doutorado.

Gosto de pensar que minha relação com a leitura teve um começo ruim, mas se construiu de um jeito bacana hoje. Posso dizer, sem sombra de dúvidas, que hoje sou um leitor voraz.

RECORDAÇÕES TÃO BOAS...

Sou nascida no interior, uma cidade linda com mais ou menos 25 mil habitantes. Aquele clima gostoso de cidade pequena mesmo, todo mundo conhecendo todo mundo... uma coisa bem bacana, de frequentar os mesmos lugares, estudar nas mesmas escolas, o pacote completo.

E assim como meus colegas, eu não ligava muito para a leitura. Nem fazia ideia do que era uma biblioteca ou que poderia pegar livros emprestados. Na minha escola, biblioteca escolar era uma coisa inexistente, e, nas raras vezes em que existia, servia só como depósito de livros didáticos. Ou seja, um espaço nada atraente para uma criança.

Mas minha relação com a leitura mudou quando descobri a biblioteca pública da minha cidade. Era um lugar cheio de livros, com um monte de histórias para conhecer e isso me encantou. Inclusive, um dos primeiros que me lembro de pegar foi “A mina de ouro”, de Maria José Dupré, que era o primeiro livro da coleção sobre o cachorrinho Samba. Eu amei a história, me marcou muito profundamente.

Eu adorava aquela biblioteca, mas um lugar muito difícil de acessar... eu não tinha RG ainda, então tinha que deixar minha certidão de nascimento retida na biblioteca municipal a cada vez que eu pegava livros. Isso sem contar que eu ia de bicicleta para lá, o que deixava tudo muito cansativo.

Anos depois, meu contato com a literatura passou a ser com os livros dos vestibulares, já no Ensino Médio. Essa escola tinha biblioteca, mas não era dinâmica. Ou seja, não fui uma criança que conheceu bibliotecas escolares. O que é uma pena, pois hoje, já adulta, reconheço o potencial gigantesco desse espaço, tanto no incentivo à leitura quanto na socialização dos estudantes.

Enxergo hoje a Biblioteca escolar como espaço dinâmico, de interação, de movimento. E, apesar de não ter conhecido esse ambiente enquanto criança, tive a oportunidade em minha vida profissional de trabalhar nesse ambiente, uma experiência que gostei muito. Me lembro sempre das crianças rindo, andando e correndo entre as estantes, do olhar admirado quando viam as contações de histórias, na animação deles quando era a hora de fazer o empréstimo... Hoje já não atuo na biblioteca escolar, mas as recordações são as melhores possíveis.

DAS RECORDAÇÕES QUE NOS MARCAM

Apesar de ser um dos professores do Cepae, a disciplina com que trabalho acaba não utilizando o espaço da biblioteca escolar. O acervo, infelizmente, não contempla minha área de atuação, com materiais escassos e pouco atualizados, sendo um dos principais fatores pelos quais priorizo o acesso ao laboratório de informática com os estudantes.

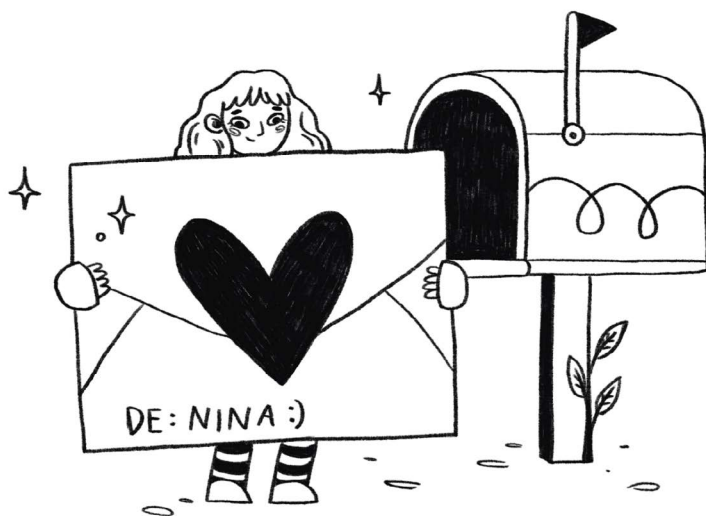
Isso não significa que eu não aprecie a leitura ou não me considere um leitor, muito pelo contrário. E mesmo que trabalhe mais com os alunos através da tecnologia, meus próprios estudos e leituras acabam sendo, em sua maioria, realizados em livros impressos. Em meus tempos de menino, as atividades de pesqui-

sa eram realizadas sempre na biblioteca... na época, o acesso ao computador e à internet eram algo completamente impensáveis. Frequentar o espaço era algo que me atraía e intrigava e considero as recordações dessa interação com a biblioteca como algo memorável.

Fico tentando me lembrar de meu livro favorito na época de criança, mas a memória me falha. O que me marcou foi a capa: uma imagem de um burro e um menino¹. Acho que se o visse hoje em dia, seria capaz de reconhecê-lo na hora.

¹ Provavelmente se trata de *O velho, o menino e o burro*, de Ruth Rocha.

MINHA HISTÓRIA COM A EDUCAÇÃO E A LEITURA



TENHO UMA relação muito próxima com os livros, a leitura e a literatura. Vejo-os como amigos, como uma parte indissociável da minha vida e de quem sou. Apesar de não ter tido a oportunidade de conhecê-los na infância, me orgulho em dizer que hoje eles são elementos que permeiam minha rotina e meus hobbies.

Veja... eu sempre estudei em escolas públicas. O livro, nesse contexto, era um elemento mágico, algo quase inacessível. Não existiam bibliotecas escolares, ou se existiam, eram um espaço que nunca pude frequentar. Meu acesso se limitava aos fragmentos literários disponibilizados nos livros didáticos, e olha que já estava no Magistério quando descobri que esses trechinhos disponibilizados eram, na verdade, parte de um livro completo!

Numa das escolas que frequentei, o único material de pesquisa que poderíamos utilizar eram dicionários e enciclopédias. Por causa disso, minha família comprou a Barsa, uma coleção de 18 livros, que contemplava os verbetes de A à Z e que tenho comigo até hoje. Mais ou menos nessa época, papai comprou uma coleção de literatura, com 3 livros, algo que me marcou muito, pois era um objeto de encanto, de desejo mesmo.

Já na faculdade, fui monitora no Cepae. Quando cheguei lá e vi a biblioteca, fiquei extasiada. Eu podia pegar qualquer livro que quisesse, podia levar para casa emprestado! Era um sonho. Pouco depois, nos anos 2000, participei do projeto Cantinho da Leitura, em que viajávamos pelo estado levando livros e realizando cursos de formação de professores, e numa dessas visitas, fomos a uma comunidade quilombola. Saímos de Goiânia às 19:00 e chegamos na comunidade 02:00 da manhã. O lugar não tinha pensão, dormimos na van e foi uma viagem muito cansati-

va. Quando começamos as formações e entregamos as caixas de livros, todos novinhos, percebi o impacto da leitura na vida das pessoas. Vi os professores da comunidade emocionados, vivenciando a experiência de segurar um livro nas mãos e saberem que poderiam utilizá-los em suas aulas ali.

Foi ali que percebi que a leitura faz com que sejamos capazes de imaginar o contexto a partir da realidade que vivenciamos, e isso foi algo muito marcante em minha vida. Sempre gostei muito de literatura, e, quando estava no mestrado, dois livros me marcaram muito: “Lili inventa o mundo”, de Mário Quintana. E “Mais respeito, eu sou criança”, de Pedro Bandeira.

Por ter me apaixonado tanto pela literatura, acabei utilizando-a em minha vida profissional, como pontapé para o desenvolvimento de atividades com os alunos, em especial a leitura de textos de opinião. Analisando minha experiência como professora no Cepae, percebo quão sortudos são nossos alunos. Eles têm acesso à uma biblioteca funcional, que os atrai, que permite interação com o acervo, com as bibliotecárias, com a pedagoga... eles participam de ações de incentivo à leitura, assistem contações de histórias, participam de apresentações de fantoches... E à medida que vão crescendo, consolidam sua relação com o espaço e a leitura. São alunos leitores, cujas famílias incentivam a leitura, que acessam a biblioteca livremente, conhecem o acervo...

No primeiro dia de aula, eles são apresentados ao espaço e à equipe. Antigamente, a contação de histórias era responsabilidade do professor de português. Agora, a bibliotecária, em parceria com a pedagoga, prepara o espaço para o tema, para as discussões. Após a contação, o livro é disponibilizado para empréstimo e todos os alunos querem pegá-lo ao mesmo tempo.

Os estudantes encaram os livros como formas de magia, e a chegada deles os faz felizes. Eles têm duas bibliotecas: a de sala e a do Cepae. Cada pai precisa comprar dois livros de literatura selecionados pelos professores, que compõem a biblioteca da sala

de aula. Os estudantes assistem um filme chamado “A menina que odiava livros”, e a partir disso, escrevem uma carta para a protagonista Nina mandar os livros para eles. Alguns dias depois, chegava um rapaz dos correios, com uma caixa mandada pela Nina e uma carta para incentivá-los a ler os livros. Para incentivar a leitura, usa-se a fantasia como instrumento, e depois os estudantes podem levar os livros para casa. Os pais devem ler todos os dias para as crianças no 1º ano. Além disso, os alunos fazem uma entrevista com uma aluna muito leitora, o que acaba motivando a leitura entre suas famílias também.

Numa das ações desenvolvidas, a bibliotecária precisou encomendar mais exemplares de “O menino maluquinho”, de Ziraldo, pois a procura era enorme e havia reserva para os próximos dois meses. Em outro momento, em leitura coletiva de “Os colegas” de Lygia Bojunga Nunes, a curiosidade dos estudantes foi tão grande que tentavam realizar o empréstimo antes do fim das leituras, para saber o próximo capítulo antes da contação seguinte.

Outra coisa muito incentivada é a relação da família na construção desse futuro leitor. Após as visitas à biblioteca, os alunos são incentivados a comentar sobre as leituras com os pais, de modo que a família participe desse processo de mediação. Os responsáveis também são convidados a realizar contações, caso se sintam confortáveis para tal. A primeira mãe levou um painel cheio de objetos e cores, e os alunos assistiram calados, mas encantados. Já o segundo pai optou por contar um “causo” de assombração, fazendo várias expressões com as mãos e o rosto. Era uma turma muito indisciplinada, que participava pouco, mas os alunos adoraram, ficaram empolgadíssimos, tentavam adivinhar o que iria acontecer a seguir na história. Outros pais relataram que as crianças chegavam em casa e repetiam a história que haviam escutado, querendo relatar para as famílias a experiência que haviam tido. A interação com o Cepae é diferenciada.

Acredito que o professor deve ser o escriba, mas também o leitor do aluno, apresentando o livro a ele. O professor é o movedor da leitura. Ele precisa apresentar leituras para crianças, não apenas mandar que leiam. Pode-se contar um trecho da história mostrar o material, deixar que eles conheçam o livro e se interessem por ele. Dependendo das ações desse professor, ele pode fazer o leitor ser encantado ou não.

UMA LEITORA VORAZ

Fui uma criança abençoada em relação à leitura e a literatura. Como filha de professores, sempre tive oportunidade de ler e muito acesso à livros. Gostava tanto de ler, que lia até lista telefônica, rs. Estudei numa escola que tinha biblioteca, e eu adorava frequentar aquele espaço. Geralmente, eu ficava andando a esmo pelas estantes, escolhendo os livros pela lombada ou pela capa e depois me sentava num cantinho e ficava lá lendo.

Mas só me percebi enquanto leitora quando cheguei na escola um dia e recebi um papelzinho, me dando parabéns por ser a segunda maior leitora do colégio. Fiquei assustada e feliz. Foi uma época boa, uma escola incrível e uma biblioteca apaixonante, mas fico triste ao lembrar que lá não tinha bibliotecária.

Eu sempre gostei de livros com ação e suspense... quando criança era apaixonada nas histórias dos Karas (do Pedro Bandeira) e suas aventuras. Também adorava os livros de Sidney Sheldon, Agatha Christie e Paulo Coelho.

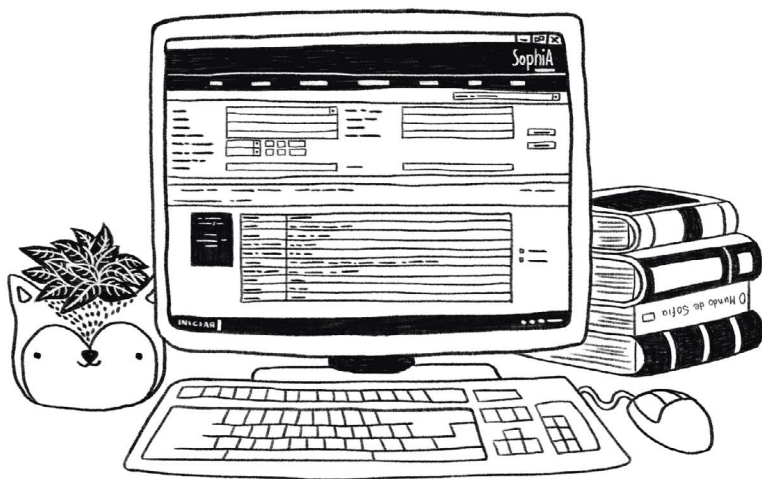
Na graduação, me encontrei na Biblioteconomia, pois voltei meus estudos para a ênfase educacional. Realizei meu estágio na brinquedoteca do Colégio Marista e me apaixonei pela área, que

é muito complexa e divertida. Mas minha atuação como bibliotecária formada veio primeiro com as bibliotecas universitárias, até que fui transferida para a biblioteca escolar do Cepae. Foi uma experiência enriquecedora e cheia de desafios, pois saí de uma vertente mais tecnicista da Biblioteconomia para trabalhar com crianças e acervo literário. Tive muita ajuda da pedagoga e comecei a conversar com os estudantes que iam debater os livros.

A biblioteca escolar é um espaço que estabelece carinho, afago e afeto com os alunos. E a BSCepae é uma biblioteca sempre movimentada, atípica, sempre cheia. Os estudantes são muito participativos, interagem com o material, com o material, principalmente no momento da contação de histórias. São muito curiosos, ficavam instigados, perguntavam bastante.

Me reconheço em muitos dos alunos que frequentam a biblioteca. São como eu era quando criança: leitores vorazes, sempre em busca de novas histórias e novas aventuras através dos livros.

A LEITURA SALVA (E A BIBLIOTECONOMIA TAMBÉM!)



DESCOBRI TARDE as possibilidades ofertadas pela biblioteca escolar. Fui uma criança humilde, nascida no interior e que não teve muitas oportunidades de leitura enquanto criança. Mas sempre fui uma apaixonada em histórias, ficava encantada ouvindo as pessoas mais velhas da família, contando os “causos”, os contos de fadas, ouvindo sobre os rapazes que salvavam as amadas...

Meus momentos favoritos eram quando contavam as histórias da Branca de Neve e da Rapunzel. Estudei nos finados “grupos”, em que um professor dava aula para várias séries, só com cartilhas. Os livros eram restritos por causa do regime militar. **Só na** época do vestibular tive a oportunidade de ler os encartes dos livros literários para as provas e fiquei encantada. Queria mais daquilo, queria saber o final daquelas histórias.... Romântica incurável, esse apego pelas histórias emocionantes me seguiu na vida adulta, com a leitura de poemas. Sou uma eterna apaixonada pelas obras de Fernando Pessoa e Clarice Lispector. Também me marcaram muito livros como “O pequeno príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry e “O mundo de Sofia”, de Jostein Gaarder.

Aos 31 anos, comecei a frequentar bibliotecas. Minha filha estudava em uma escola que tinha e eu sempre ia buscar alguns livros lá. Em uma época, estive operada e pedia para minha filha me trazer livros toda semana. Mas minha paixão por bibliotecas se consolidou por causa de uma amiga. Bibliotecária, essa amiga sempre me incentivou a retomar os estudos e a cursar Biblioteconomia, assim como ela. Entrei no curso aos 34 anos e, no começo do curso, recebi uma ligação de uma ex-chefe. Ela me disse que tinha dois empregos, estava cansada e queria saber se eu gostaria

de assumir um deles. Fiquei nesse emprego quatro anos e oito meses e aprendi muito sobre informação e documentação.

Ainda na graduação, tive meu primeiro contato com a prática em bibliotecas escolares... meu estágio supervisionado foi na biblioteca do Cepae, que ainda nem era automatizada, já estava na base de dados do Sistema de Bibliotecas da UFG, mas o empréstimo ainda era realizado através de fichas. Além disso, pesquisei sobre bibliotecas escolares no trabalho de conclusão de curso, avaliando o Projeto Leia Goiânia.

Quando passei no concurso para bibliotecária na UFG, minha ex-chefe também foi aprovada. Quatro anos após a posse, fui transferida para Goiânia, especificamente para a biblioteca do Cepae, de junho de 2013 a dezembro de 2013, com a função de estruturar administrativamente o espaço. Na época, liguei para minha ex-chefe dizendo que quando houvesse uma vaga para Goiânia disponível, que essa vaga seria dela. Alguns anos depois, ela foi transferida, e nessas voltas que a vida dá, hoje sou chefe da minha ex-chefe, rs.

Na BSCepae, minha preocupação principal foi dar continuidade ao trabalho dos servidores anteriores, ao mesmo tempo em que estruturava o espaço e auxiliava os professores no atendimento das turmas. Fui a responsável pela automatização da biblioteca e pelos treinamentos no software do Sophia. Também elaborei o regulamento da BSCepae e foi aí que percebi que o bibliotecário precisava de um apoio para trabalhar com as crianças. Foi aí que comecei a lutar por uma vaga de bibliotecária fixa para a biblioteca e uma pedagoga para auxiliar na contação de histórias, pois eu já pesquisava sobre a gestão participativa em biblioteca escolar com uma equipe multidisciplinar.

Quando a UFG negou uma bibliotecária fixa, a solução que encontrei foi a de levar a Eliane para lá, uma pedagoga, de modo a auxiliar nas ações de incentivo à leitura desenvolvidas na BS-

Cepae. Em 2015, os servidores lotados na biblioteca saíram de licença, ficando só a Karla, que era a bibliotecária da época. Para resolver isso, fui conversar com a direção do Cepae e negociamos para que sempre houvesse pelo menos um servidor emprestado para a biblioteca, de modo a manter as atividades no espaço.

Atuando na biblioteca do Cepae, compreendi na prática a importância do bibliotecário escolar. Esse profissional precisa ser proativo e focado no atendimento diferenciado para os alunos e tem papel essencial na formação leitora e cidadã.

LEITURA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Fiz o primário precocemente. Tinha uma irmã mais velha e queria acompanhá-la na escola, um lugar bacana, mas que não tinha biblioteca. Minha pequena biblioteca particular vinha dos presentes da diretora, que todos os anos presenteava os melhores alunos com livros (e eu sempre era uma das ganhadoras). Meus livros favoritos vieram dessa diretora... “Pinóquio” e “O Pequeno Polegar”, histórias que marcaram minha infância e que eu cuidava como pequenos tesouros.

Minha família é de origem humilde, com pouco acesso aos livros. Me lembro vividamente que, quando eu era criança, minha mãe cortava as ilustrações dos livros que tínhamos para enfeitar a casa. Na época, a noção de literatura que tínhamos era relativa apenas a adaptações dos contos clássicos dos irmãos Grimm e eu adorava vê-los como quadros em minha casa.

No 5º ano do ginásio, à época, fui aprovada na seleção para o Liceu de Goiânia. Havia uma biblioteca enorme! E os alunos tinham permissão para frequentar o espaço. Vivia lá. Meu interesse pela leitura aumentou mais ainda com as aulas de português. Meu professor era escritor e ele falava muito sobre as obras literárias e sobre a importância da literatura, incentivando que nos tornássemos leitores e escritores. Ele escolhia as melhores redações para ser o texto da prova e isso era motivador: escrever para o outro realmente ler! Porém, logo o regime militar foi estabelecido e meu acesso à leitura literária foi limitado. Passei a ler obras de protesto, de resistência à ditadura, renunciando às obras literárias.

Já adulta, vivenciei muitas oportunidades e me encontrei no Curso de Letras e, como profissional, na Educação. Como professora, acredito no papel essencial da literatura e da biblioteca escolar no incentivo à leitura no país. Por mais ou menos um ano, morei em Cuba e isso me marcou muito. Fiquei surpresa com o quanto o povo cubano lê. Apesar das dificuldades financeiras, existem bibliotecas em cada esquina. As pessoas ficam na rua vendendo, comprando, trocando e emprestando livros. Mesmo com todos os embargos, o vínculo com a leitura é extremamente importante para esse povo. E gostaria de ver esse incentivo se concretizar aqui também. Afinal, as bibliotecas são um de nossos grandes patrimônios culturais!

PODIA TER MAIS HQ, NÉ?

Gosto muito de tudo que acontece na biblioteca. Me divirto com as contações de histórias, tanto as da Eliane e das profes-

ras quanto as que a gente mesmo conta. Depois que a gente ouvia a história, sentava todo mundo em uma roda pra conversar sobre o livro, discutir o que a gente tinha achado mais legal ou o que era sem noção na história.

E eu ficava viajando enquanto ouvia, principalmente quando a gente ouviu a história de uma árvore que realizava desejos e aí um menino ficava pedindo as coisas pra ela o tempo todo². Gostei tanto de ouvir essa que até levei o livro pra casa emprestado. Fiquei pensando no que eu pediria pra árvore e se o menino se arrependia dos pedidos dele depois de saber o que acontecia com a coitada da árvore.

Apesar de ter gostado muito desse livro, eu quase não pego livros emprestados lá. Gosto mais dos que minha mãe compra pra mim... Harry Potter da J. K. Rowling, Percy Jackson do Rick Riordan, o mangá de Naruto, do Masashi Kishimoto (inclusive, você sabia que a gente tem que ler mangás de trás pra frente? O que a gente acha que é a capa na verdade é o final. Louco isso, né?).

Então, vou mais na biblioteca pra ir na seção de gibis e fazer tarefa, porque ajuda muito, né? Os professores passam uma tarefa e aí é fácil você achar um livro na biblioteca sobre o tema e isso te ajuda, te dá mais argumento pra fazer a tarefa. Eu gosto, sou boa aluna, gosto das minhas tarefas bem-feitas. Gosto de tirar nota boa e gosto de me divertir, então prefiro quando as atividades da biblioteca são mais engraçadas e que interagem com a gente.

Eu não tenho muitas recordações específicas do que acontece na biblioteca não... minha memória é ruim, mas sei que gostei de tudo, porque quando tento me lembrar, não lembro de nada ruim. Só lembro de mim e dos meus amigos rindo, das contações de histórias e da gente conversando sobre os livros. Eu amo ler e queria que tivesse mais livros do meu estilo na biblioteca. Mas a gibiteca já ajuda muito! E é isso, vou voltar a ler Naruto porque eu amo o Sasuke e a Hinata e quero saber o fim da história.

² *A árvore generosa*, de Shel Silverstein e tradução de Fernando Sabino.

UM APAIXONADO POR NÚMEROS (E POR PALAVRAS)

Demorei a me apaixonar pelos livros. Até o oitavo ano, lia por obrigação, pelas atividades dada na escola. Li muitos livros da Coleção Vagalume, mas não gostava na época. Mas, mesmo assim, sempre estudei em escolas que tinham biblioteca. Meu pai tem muitos livros, sempre gostou de comprar, mas isso não significa que ele nos incentivava a ler. Era mais a posse do objeto livro em si.

Descobri a literatura no Ensino Médio quando minha professora de redação pediu para que escrevêssemos um texto dissertativo, e eu fiquei muito interessado... acho que posso marcar esse momento como meu início como leitor. Nessa época, comecei a participar de um grupo de teatro, e isso me incentivou a ler as obras de Nelson Rodrigues, Fiódor Dostoiévski, Gabriel García Márquez.... Passei a ser frequentador assíduo da biblioteca da escola e de uma das bibliotecas municipais do interior de São Paulo, sempre em busca de mais textos e mais coisas para ler.

Um dos livros que mais me marcou nessa época do Ensino Médio foi "O evangelho segundo Jesus Cristo", de José Saramago. Eu era muito religioso quando li o livro e lia meio escondido da minha família. Um dia meu pai pegou o livro nas minhas coisas e começou a contestar o que estava escrito. Ele me disse: "É, meu filho, sua fé está abalada". Acabamos discutindo e hoje em dia nem falamos mais sobre religião ou política, para evitar conflitos.

Na graduação, meu contato com a biblioteca escolar se fortaleceu, mas foi no mestrado que ela realmente se fez presente. Era bolsista e usei muito as obras na construção da minha dissertação. Quando cheguei no doutorado, os estagiários usavam um diário de campo compartilhado com descrições das aulas e críticas. Eles conversavam através das anotações do caderno, até que assumiam a regência das aulas. Juntei três anos desse material e levei para a banca de avaliação do projeto do doutorado, atuando como autor e historiador da minha própria pesquisa, tentando compartilhar essas experiências com o leitor. Retornei às discussões que fiz no mestrado através de uma carta, criada para conversar com o leitor a partir da construção de um livro.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, acabei optando pelo uso de um estilo textual denominado “escrita de si”, uma narrativa em primeira pessoa, de modo que minha tese foi contada a partir de uma história, de um roteiro de teatro. Por exemplo, minha a tese começa com um diálogo:

“Pesquisar?

- Não.

- Por que não?

- Não me interessa fazer pesquisa para guardar na gaveta”.

Usei as obras de Mia Couto, as músicas de Belchior e outras leituras na elaboração do trabalho, intercalando literatura e música com minha pesquisa. Parte da pesquisa foi realizada nos Estados Unidos e levei minha família comigo. Ficamos cinco meses lá e o que mais fazíamos era ir às bibliotecas da cidade, pois eram muito bacanas. Tinha pufes, sofás, podíamos pegar CD’s e DVD’s emprestados... minha família amava o ambiente.

Como professor, tenho um bom contato com a BSCepae, uso bastante. Em parceria com outros colegas do departamento, elaboramos uma lista com livros sobre matemática, de modo a atrair os estudantes, com autores como Malba

Tahan e Hans Magnus Enzensberger. Sou um dos criadores do Projeto Abakós, um projeto de investigação matemática que objetiva interpretar problemas e se comunicar matematicamente, que se divide em três etapas: elaborar uma pergunta, construir um processo de descoberta e depois investigar a questão. Essas atividades são realizadas em grupos, numa sala específica, sempre acompanhadas por dois professores.

Os alunos usam o texto para interpretação. No laboratório existe uma estante de livros que podem pegar, leem capítulos, fazem discussões e relatos... o leitor passa a ser um personagem, por isso uso do material bibliográfico matemático. É um projeto que eu gosto muito, que une o poder da literatura com a matemática e permite que os alunos construam novas relações com o que estão aprendendo.

São muitas as minhas recordações sobre a leitura e literatura, sobre as bibliotecas e sobre como minha vida se entrelaça com os livros. E espero ter muitas mais ao longo dos anos.

OLHAR DE MENINA



MINHA RELAÇÃO com a biblioteca na época da escola foi nula. Não tinha biblioteca na escola e minha família nem entendia o papel da leitura, ninguém era leitor em minha casa. Isso é engraçado, pois o sonho da minha mãe era que eu fosse professora - o que me tornei, rs -.

Sempre amei ler e fui criando afeto pelo livro didático, já que não conhecia ainda o livro literário. Era tão aficionada, que fazia as tarefas dos meus colegas para poder ler mais. Meus pais pagavam escola particular, mas lá não tinha biblioteca... e sempre que passava com minha mãe perto de uma banca de revistas, pedia um livro ou gibi, mas ela nunca comprava, pois achava caro. Minha família não tinha visão sobre a importância da leitura.

Comecei jovem a trabalhar em escolas, mas, mesmo cursando Pedagogia, não tive nenhuma disciplina de literatura. Até que passei no concurso público para o Cepae, sendo locada na biblioteca. Porém, a secretaria estava com déficit de profissional e me transferiram para lá. Só retornei para a biblioteca em dezembro de 2013. A falta de acesso ao livro me deixou insegura e ansiosa, com medo de não desenvolver um bom trabalho. Tive muitas dificuldades no começo. Em aprender o ritmo, o atendimento, em conhecer a biblioteca escolar como um todo. Era mesmo um olhar de descoberta. Um novo mundo.

A partir daí, comecei a conhecer os materiais e o acervo, fiz um estágio de observação de 4 meses, principalmente em relação aos alunos do 4º e 5º anos. Tive dificuldades em me adaptar com a gestão da biblioteca na época, mas hoje sou completamente apaixonada pela biblioteca escolar. Hoje, minha vida se confunde com a biblioteca, numa mistura daquela menina que não teve

acesso aos livros com a pedagoga que oferta tantas experiências literárias na BSCepae.

A primeira contação na biblioteca para o 5º ano me marcou muito. Pedi ajuda para uma amiga professora para atrair os alunos e deixá-los interessados e funcionou. As crianças ficaram apaixonadas. Primeiro, eu começo a contação, apresento a obra. Ao final, eles levam a obra para casa, nessa semana ou na outra. Os livros ficam numa geladeira de leitura, para permitir que o aluno pegue. Eles acham muito encantador, pois é o alimento da imaginação, das raízes. A história sai do ambiente das prateleiras e toma vida, tem sua voz ampliada. A narração ajuda muito, pois as crianças correm para pegar o livro antes do colega. É tão concorrido que precisa fazer sorteio. Eles me respeitam muito e apreciam muito o ato da contação.

Alguns dos meus livros favoritos para contação são: “O Jacarezinho egoísta”, de Chlórís Arruda de Araújo; “Lúcia, já vou indo”, de Maria Heloísa Penteadó e “O peixinho sonhador”, de Ivan Egler de Almeida. Sempre me emociono e vejo os alunos sempre encantados.

Eles amam o espaço, se sentem pertencentes, andam em todos os lugares, namoram, visitam as prateleiras, sabem quais livros novos chegaram. Eles interagem muito com os profissionais, conversam sobre as obras. Os professores incentivam os alunos a olhar com um olhar de curiosidade, ou encantamento, de paixão pelo livro.

E a cada dia que passa, mais eu me apaixono pela biblioteca escolar. Mais estudo, mais pesquiso, mais me interesso. A menina que amava os livros se encontrou nesse espaço e cada contação que faço aquece meu coração. A cada experiência literária que eu ofereço, mais meu amor pela leitura e pela literatura infantil cresce. E mais minha vida se entrelaça com a biblioteca escolar.

DOCES RECORDAÇÕES

Sempre que penso em biblioteca escolar, sinto meu coração aquecido. Tenho com as bibliotecas uma relação de cuidado, de reciprocidade. Me veem a mente as memórias de meu trabalho na biblioteca da ETFG, as recordações dos momentos de uso das bibliotecas por onde andei.

Quando criança, eu adorava ler as histórias do Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato e uma outra coleção, chamada Historama. Ficava um bom tempo entretido, encantado com as histórias que estava lendo. Algumas das escolas que frequentei tinham biblioteca e em casa nós tínhamos alguns livros a disposição. Mas o que me marcou mesmo foram os momentos na biblioteca da escola, onde ouvíamos discos de histórias infantis. Era incrível e eu adorava.

Vejo nos estudantes de hoje em dia uma grande liberdade com a biblioteca. Eles ficam confortáveis, a ponto de se sentarem no chão entre as prateleiras. Agem com muita desenvoltura, a não ser no caso dos novatos. Eles interagem, acessam as obras, fazem empréstimos, exploram o ambiente. E me lembram daquele menino que ficava encantado enquanto ouvia histórias em discos infantis...

UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS



A BIBLIOTECA escolar fez parte da minha vida mais em casa que na escola. Mamãe tinha vários livros religiosos, com imagens de santos e papai tinha vários livros de veterinária, mas nós, crianças, não podíamos chegar perto. Mamãe encapava todos os livros, com muito zelo, para evitar danos. Mas, ainda que meus pais não permitissem que pegássemos os livros, por medo de estragar, as histórias sempre fizeram parte da nossa rotina.

Mamãe era uma contadora de histórias das boas, daquelas que contava as que conhecia e inventava outras, sempre empolgada. Às vezes eram os “causos” da fazenda, em outros momentos, contos de fadas..., mas minhas favoritas eram as de assombração, como as do Pedro Malasartes, quando enganava a morte. Adorava sentir o medo com a história, numa mistura de alívio e preocupação. Eu sabia que mamãe me protegeria, então tudo bem ouvir aquelas histórias. Eu sentia que não corria nenhum risco, não de verdade.

Então, mesmo que eu não tivesse contato com a leitura, o poder das narrativas e da contação já me encantava. Eu já vivia esse encanto, essa vontade de saber mais e mais histórias. Sabe, minha primeira escola não tinha programa de leitura. Mas, algum tempo depois, já mais velha, fui transferida para o Colégio Imaculado Conceição, em Ceres. Era uma escola com biblioteca, mas que só podíamos usar para fazer pesquisa nos livros, em visitas guiadas pelos professores.

Eu participava de grupos teatrais, sempre estive em busca de novas histórias. Na faculdade, infelizmente não tive acesso aos livros literários. Isso só mudou quando comecei a trabalhar na

área, numa APAE e num colégio particular, pois eu podia levar o material da biblioteca para casa.

A falta dos livros que vivenciei na infância se transformou em presença durante minha vida adulta. Passei a ser leitora assídua, e, quando me mudei para Goiânia, comecei a trabalhar em uma escola da comunidade, em parceria com uma bibliotecária. Nessa escola eles tinham a chamada “aula de biblioteca”, onde os alunos iam para a biblioteca conhecer os livros e desenvolver atividades. Essa bibliotecária tinha uma livraria e aprendi demais com ela.

Em 1993, comecei a fazer parte do grupo Gwaya, que havia acabado de surgir e em 1994 fui aprovada no concurso para professora do Cepae, sempre trabalhando com obras literárias. A partir daí, comecei a trabalhar com mais projetos de leitura, sendo um deles um grupo de contação de histórias. Na época se chamava “Leituras” e hoje em dia recebe o nome de “Fuxico”.

As bibliotecárias sempre preparavam uma leitura para atender os alunos e lá tinha uma biblioteca de sala e a do Cepae. Nessa época, tive alguns problemas de saúde: fibromialgia, síndrome do túnel do carpo e depressão, e acabei saindo da sala de aula. A junta médica sugeriu a aposentadoria, mas recusei. Pedi para ser readaptada para a biblioteca e lá fiquei por dois anos, contando histórias e brigando pela ampliação das aulas de bibliotecas.

Junto à bibliotecária e às estagiárias do projeto Fuxico, desenvolvíamos atividades na biblioteca, como a contação de histórias, explicação do processo de feitura do livro e atividades multidisciplinares com professores. Também busquei que uma parte do laboratório de informática fosse ligado à biblioteca, para que os alunos pudessem visitar sites de leitura, como o site *Angela Lago*, em que o final da história podia ser mudado de acordo com o desejo de quem estava lendo. Atualmente, o site está desativado.

Por mais de dez anos, participei do projeto “Cantinho da Leitura”, visitando bibliotecas em Goiânia e nas cidades dos arredores. Nós escolhíamos as obras e fazíamos resenhas delas, tanto literatura infantil quanto outros tipos. Essas resenhas eram encaminhadas para as escolas da Educação Infantil ao Ensino Médio, junto a guias indicativos para cada série, para serem selecionadas por cada instituição de ensino.

Em 2002, escrevi o livro “Iluminando histórias”, que foi escolhido como obra indicada do PNL 2002, em que eu falo sobre meu processo de contação de histórias. A partir da indicação, a editora começou a receber vários relatos semelhantes, que objetivavam mostrar a relação de outras pessoas com a contação de histórias. Em 2011, Goiás sediou a primeira Bienal do Livro de Goiás, organizada por Maria Luiza Bretas e foi um evento que amei participar e que me marcou muito.

Ao longo de minha experiência, compreendi o papel significativo da literatura e da leitura na construção de um país mais justo. Chartier já o dizia e Bordieu concorda: a literatura se relaciona com a memória coletiva das pessoas, como uma forma de produção cultural. Trabalhar com a arte literária é algo que deve estar presente nas escolas, mas, ao mesmo tempo, é um produtor cultural que ultrapassa esses limites e atinge múltiplas instâncias.

E no que diz respeito a mim como leitora e professora... a narrativa é o que me move. De forma oralizada ou escrita, são as histórias que nos constroem que faz com que tenhamos força pra seguir em frente. E a oralidade é meu instrumento, a contação de histórias é parte de quem sou. Sou tão professora quanto contadora de histórias. Sou uma mistura de tudo que li, ouvi, contei e vivi.

A CURIOSIDADE É O QUE ME MOVE

Gosto muito de ir na biblioteca da escola. Mas a maior parte das vezes eu gosto de ir pra passear, pra ver os gibis, pra conversar com a Eliane e a bibliotecária. Eu também vou muito pra fazer pesquisa, principalmente nas tarefas de português.

Geralmente, eu fico disperso nas atividades, mas adoro quando tem contação de histórias e vídeos. Minha favorita foi uma que falava sobre o Baobá, pois fiquei muito curioso pra saber mais sobre a árvore, de onde ela vinha, como era a cultura africana. Achei muito bacana e me diverti muito.

Outra coisa que gosto é quando a professora pede pra gente interpretar a leitura de um livro que já li. Gosto de contar a história, fico empolgado. Ah... teve uma vez que teve concurso de autores também. Sou competitivo e tinha que pesquisar sobre cada autor em times. Fiquei animadíssimo. Queria ganhar, rs.

Mas é aquilo que falei, né... eu gosto mais de ir passear do que de pegar livros lá, rs. Eu gosto de ler, gosto mesmo. Mas gosto de ler o que me interessa... E outra, minha mãe me estimula a ler em casa todos os dias, então fico meio desanimado de pegar mais livros na biblioteca. Acho cansativo. E nem sei na biblioteca tem livros do jeito que eu gosto... muitas das contações eram sobre livros de animais e eu acho muito chato. Gosto de ação, de aventura, de ler Percy Jackson (Rick Riordan) e outras sagas desse estilo.

Peguei poucos livros na biblioteca da escola, mas gostei de todos que peguei. Meus favoritos foram um que peguei pra ler em casa, chamado “A batalha do Apocalipse”, do Eduardo Spohr e

um que a professora indicou, da Clarice Lispector, que chamava “Canções pra jovens: De amor e amizade”. Eu achei que não fosse gostar, mas foram bem legais de ler.

Em casa, meu favorito é uma enciclopédia sobre o corpo humano, cheia de curiosidades sobre o sangue, os ossos. Acho muito legal e fico horas procurando mais sobre isso na internet depois.

ALGUNS FINAIS

Escrever sempre foi meu refúgio e a literatura, minha melhor amiga. Dito isso, que processo exaustivo e assustador vivemos até que esse livro chegasse até vocês. Primeiro, foi a dúvida sobre a relevância, a síndrome do impostor que bate na porta todos os dias e nos faz questionar se é certo seguir em frente. Depois, o medo e a insegurança de não conseguir concluir esse projeto.

Eu sempre escrevi como forma de amainar meus sentimentos, como uma maneira de não me esquecer de quem me marcou e do que eu senti um dia. São inúmeros os poemas que escondi de todos, embora alguns (meus favoritos) sejam postados ocasionalmente em redes sociais. E apesar desses escritos desnudarem minha alma, eu estava a um simples clique de apagar a postagem e esquecer que expus aquilo. Quem leu, leu. Quem não leu, não lerá mais. Mas escrever um livro? Isso é completamente diferente.

Eu não posso simplesmente desfazer as linhas que vocês leram. Vocês o terão, para sempre, como uma parte de mim que tenho muito orgulho. É a representação da Larissa pesquisadora unida à Larissa que amava escrever, mas não se via escritora. São as memórias de estudantes, professores e bibliotecários sobre a leitura em suas vidas, sobre suas relações com a biblioteca escolar, sobre suas infâncias. É a união do que pesquisei, cientificamente falando, sobre leitura, com as recordações de várias pessoas sobre o papel da literatura em suas vidas. São as histórias deles, contadas para vocês a partir do meu olhar.

É assustador. Ao mesmo tempo, é incrível. E esse livro é uma exaltação das vidas e histórias deles. Da comprovação de que a

leitura e a literatura são instrumentos transformadores. Da ênfase que deve ser dada às bibliotecas escolares e de como elas salvam vidas. E não é exagero... a Biblioteconomia e a Educação salvaram minha vida através dos livros. Sou quem sou hoje pela relação que constitui com essas duas áreas, ao mesmo tempo em que moldei minha história a partir do que li e conheci.

Esse não é um final de verdade. Sempre haverá novas histórias por aí. Inúmeras pessoas são marcadas pela literatura todos os dias. E quem sabe um dia, eu volte a contar mais algumas delas. Mas, por enquanto, deixo meu abraço e digo até logo a vocês.

Foi uma honra!

AGRADECIMENTOS

À **Universidade Federal de Goiás**, por ser a maior de Goiás, a melhor do universo e minha segunda casa. Sou profundamente grata por tudo que pude vivenciar em suas dependências e por tudo que me ofertou nesses seis anos de história compartilhada.

Ao **Cepae-UFG** e ao **PPGGEEB-Cepae-UFG** por me acolherem e me proporcionarem a realização desse sonho: escrever um livro, um Produto Educacional oriundo da minha Dissertação e que me entorpece de orgulho. Obrigada pelo incentivo financeiro para a publicação desse material, através do Edital 003/2020 de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PPPGEEB-Cepae-UFG.

Obrigada ao **Centro Editorial e Gráfico da UFG** por aceitarem ser a editora responsável por esse projeto, por serem extremamente gentis no atendimento (**Uilton**, em especial, muito obrigada!) e por me ampararem nessa novidade que é a publicação de um livro – são muitas etapas, viu? -.

Um obrigada gigantesco para a linda **Isadora Paiva** (@zadora-na), melhor ilustradora que eu poderia pedir pro universo. Essas crônicas ainda nem estavam escritas, mas eu já sabia que a Isa iria ilustrá-las. Obrigada por topa participar disso comigo.

Outro agradecimento especial é para o **Arthur Ramos**. Não cabe nem em palavras e nem no meu peito o orgulho que sinto de você e da sua entrega em cada projeto. Eu jamais encontraria um revisor melhor do que você nessa vida.

À minha orientadora, **Profa. Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira**. Sua ajuda foi inestimável e se hoje, esse Produto Educacional existe, é pelo seu incentivo e confiança em mim. Atrevo-

-me a dizer que você confiou mais em mim do que eu mesma ao longo desse processo. Obrigada por tudo.

Aos meus sogros, **José Divino e Francisca**, pelo incentivo moral, emocional e financeiro, rs, para que esse projeto saísse do papel. Essa publicação só sai dos meus sonhos para o papel pela ajuda de vocês e do Marcos. Sou extremamente grata por tudo.

Aos meus avós, **Jales, Marly e Benedita**. Vocês sempre souberam do meu sonho de escrever um livro, e cada um a seu modo, sempre me incentivaram a lutar por isso. Obrigada!

Aos meus pais, **Míria e Weliton** e minhas irmãs, **Thayssa e Lara Cecília**. Desconheço no mundo alguém mais orgulhosa do que eu em relação à sua família. E isso é fácil de entender quando as pessoas conhecem vocês. Sou a filha e irmã mais babona do mundo, porque cada um de vocês tem tantas qualidades que eu nem consigo expressar. Sempre soube que fui profundamente amada, acolhida e bem-cuidada. Que vocês me ofertaram o mundo e sempre estiveram ao meu lado caso algo desse errado. Sempre pude voar, porque vocês sempre deixaram claro que eu tinha para onde retornar. E num mundo que anda tão sombrio, me reconheço ainda mais privilegiada do que sempre soube ser. Amo vocês.

Chopper, obrigada por ser luz nos dias sombrios e companhia nas inúmeras horas de escrita. Você mudou nossas vidas, meu pequeno *baby* canino. Te amo. E obrigada a você, **Marcos Vinícius**. 15 anos atrás começamos nossa caminhada juntos e não houve um único dia desde então que você não tenha renunciado aos seus sonhos pelos meus. Meus estudos, meus prazos, minha rotina, minhas contas, rs... você sempre me amparou em tudo, de todas as formas possíveis. Esse livro é tão seu quanto meu, pois ele jamais existiria se você não tivesse se sacrificado tanto financeira e emocionalmente para isso. Te amo desde aquele beijo roubado atrás de

um banheiro no IF Goiano. E vou amar até mesmo quando o fim já tiver chegado para nós dois. OBRIGADA!

E a você, **querido/a leitor/a**... minha eterna gratidão. As histórias só têm sentido se puderem ser compartilhadas e espero que vocês se reconheçam nas vivências de alguns/ mas de nossos/as protagonistas, assim como eu me reconheci. Obrigada por terem me acompanhado até aqui... A gente se vê por aí, em breve.

SOBRE E-BOOK

Tipografia: Book Antiqua, Serenity
Publicação: Cegraf UFG
Câmpus Samambaia, Goiânia-
Goiás. Brasil. CEP 74690-900
Fone: (62) 3521-1358
<https://cegraf.ufg.br>
